


NARRATIVAS, REFLEXÕES E AGÊNCIA EM COMUNIDADES PERIFÉRICAS: LIDERANÇA COMUNITÁRIA E RESISTÊNCIA DAS FAMÍLIAS DA CLASSE TRABALHADORA

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.268152524012>

Data de aceite: 04/02/2024

Danusa Daniela de Vargas

Universidade Federal de Santa Catarina
– UFSC

Professora de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de Biguaçu. Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2022). Especialista em Didática e Metodologias para a Educação Básica (2019), pelo Centro Universitário Municipal de São José (USJ). Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Municipal de São José (USJ), em 2014. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação Infantil
<http://lattes.cnpq.br/6836843084144623>

1. Este artigo foi produzido com base no recorte da pesquisa de mestrado intitulada “Coronavírus e a desigualdade de classe na educação infantil: a partir da experiência do Centro de Educação Infantil da Comunidade Jardim Solemar”, realizada com apoio da CAPES. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/234773?show=full>.

RESUMO: Este artigo apresenta um recorte de pesquisa de mestrado que analisa os efeitos da pandemia de COVID-19 na vida de famílias da classe trabalhadora de uma comunidade periférica de São José (SC). Fundamentado no Materialismo Histórico Dialético e na teoria Collective individual de Stetsenko, o estudo revela como a liderança comunitária promove ferramentas de agência coletiva, desafiando estruturas de desigualdade. Por meio de análise qualitativa de entrevistas e observações no Centro de Educação Infantil Jardim Solemar, demonstra-se que ações locais, como a organização de mutirões e a mediação de conflitos, articulam resistência e transformação social. O artigo contribui para debates sobre a capacidade agentiva da classe trabalhadora, destacando a necessidade de políticas públicas que valorizem lideranças comunitárias.

PALAVRAS-CHAVE: Desigualdades de classe; Famílias trabalhadoras; Materialismo Histórico & Dialético; Agência Coletiva.

NARRATIVES, REFLECTIONS AND AGENCY IN PERIPHERAL COMMUNITIES: COMMUNITY LEADERSHIP AND RESISTANCE OF WORKING CLASS FAMILIES

ABSTRACT: This article presents an excerpt from a master's degree research that analyzes the effects of the COVID-19 pandemic on the lives of working-class families in a peripheral community in São José (SC). Grounded in Dialectic Historical Materialism and Stetsenko's Collective individual theory, the study reveals how community leadership promotes tools of collective agency, challenging structures of inequality. Through qualitative analysis of interviews and observations at the Jardim Solemar Early Childhood Education Center, it is demonstrated that local actions, such as the organization of collective efforts and conflict mediation, articulate resistance and social transformation. The article contributes to debates about the agentic capacity of the working class, highlighting the need for public policies that value community leaders.

KEYWORDS: Class inequalities; Working families; Historical & Dialectical Materialism; Collective agency.

A FRAGILIDADE DA VIDA DA CLASSE TRABALHADORA

“Resta-nos continuar mendigando, como sempre” (DONA JANE, PESQUISA DE CAMPO, 2021)¹.

Primeiramente, como se trata de um recorte da pesquisa de mestrado, cabe situar o leitor sobre o contexto histórico e econômico da comunidade pesquisada. A pesquisa de campo foi realizada na comunidade Jardim Solemar localizada em São José, anexa a Grande Florianópolis. A pesquisa revelou que as famílias da classe trabalhadora historicamente convivem com o descaso, a exploração, o preconceito, a violência, o tráfico de drogas e a miséria como expressões das desigualdades e da divisão de classes.

Partindo do questionamento “Como a liderança comunitária promove agência transformadora em contextos de desigualdade estrutural?”, este estudo articula o Materialismo Histórico Dialético (MARX; ENGELS, 2007) à teoria Collective individual (STETSENKO, 2019), analisando a atuação de Dona Jane, líder da comunidade Jardim Solemar. A originalidade do estudo reside na integração entre ação individual e mobilização coletiva, rompendo com visões passivas sobre comunidades periféricas. A pesquisa, de natureza qualitativa, utilizou: 1. Entrevistas semiestruturadas com famílias, equipe do CEI e Dona Jane (2021); 2. Análise documental de fichas de matrícula (2019-2020); 3. Observação participante na comunidade. Os critérios para seleção das falas de Dona Jane incluíram relevância temática (ex.: infraestrutura, violência) e representatividade da agência coletiva.

1. Entrevista concedida à pesquisadora em 21 de julho de 2021.

CONTEXTOS DE VIDA: LUTA POR INFRAESTRUTURA E REDUÇÃO DA VIOLÊNCIA

A articulação entre Materialismo Histórico Dialético e a teoria Collective individual de Stetsenko (2019), permite analisar como a ação individual de Dona Jane se entrelaça à mobilização coletiva, desafiando narrativas passivas sobre periferias. A perspectiva materialista histórica exige submeter fenômenos sociais à experiência prática (MARX; ENGELS, 2007). Nesse sentido, o relato de Dona Jane sobre como era comunidade em 1993 ilustra essa abordagem: “Não tinham comida, não tinham água encanada [...] era uma pobreza só” (DONA JANE, 2021). Suas ações — como a instalação clandestina de água (2011) e a construção da “casinha comunitária” (2012) — exemplificam o Posicionamento Ativista-Transformador (STETSENKO, 2019), onde práticas locais desafiam a lógica da exclusão.

Marxismo e Desigualdade

Para compreender os efeitos das desigualdades na vida da classe trabalhadora, Marx e Engels (2007) defendem a análise concreta das condições materiais. Essa perspectiva se reflete nas narrativas de Dona Jane, cujas ações ilustram a luta contra a exclusão, evidenciam como práticas locais contestam estruturas de opressão. Nossas análises fundamentam-se no método materialista histórico, que pressupõe a compreensão dos fenômenos sociais a partir de suas condições materiais.

A desigualdade, como produto das relações de poder, é analisada por Leontiev (1978) sob uma perspectiva materialista:

“[...] esta desigualdade entre os homens não provém das suas diferenças biológicas naturais. Ela é o produto da desigualdade econômica, da desigualdade de classes e da diversidade consecutiva das suas relações com as aquisições que encarnam todas as aptidões e faculdades da natureza humana, formadas no decurso de um processo sócio-histórico” (LEONTIEV, 1978, p. 274).

Assim, partimos da compreensão de que as desigualdades sociais foram produzidas pela ação humana no mundo e, portanto, oriundas da prática social, sendo permeadas de especificidades, dinâmicas e relações de poder. Os fatos históricos nos levam a compreender que a ausência de igualdade econômica impacta o sujeito tanto em sua individualidade quanto em sua coletividade, e, nesse sentido, é a condição econômica que determinará sua forma de estar no mundo com mais ou menos direitos (MARX, 2008).

Com as desigualdades sociais, grupos que não detém o controle da produção do trabalho, são expropriados e explorados, sofrendo os efeitos da existência de classes superiores. Esses grupos não partilham das mesmas oportunidades e acessos que as demais (MARX, 2008).

De forma crítica e com dados concretos, esta pesquisa se coloca a analisar a pobreza material como uma condição resultante do modo pelo qual a sociedade esta organizada.

Agência na Perspectiva de Stetsenko

Com base na perspectiva Histórico-Cultural, Stetsenko (2019) propõe uma agência radical-transformadora, ancorada no marxismo, que integra teoria e prática na luta contra estruturas opressoras. Os relatos de Dona Jane exemplificam essa agência:

Após três anos de luta, no dia 24/12/2011, conseguimos ligar a água clandestina, com a colaboração total do material do Sr. [...] Na casinha também temos o trabalho com a pastoral da criança e realizamos os velórios, batizados, casamentos e também é nela que fazemos a festa no dia das crianças e no natal [...] Infelizmente, antes de ficar pronta, tivemos que velar o filho de uma moradora que tinha 17 anos na época, foi muita tristeza [...]”(DONA JANE, 2021).

Essa narrativa não apenas ilustra a luta por infraestrutura, mas também revela como a agência coletiva se articula com projetos de transformação social.

O relato nos descreve a capacidade agentiva da Dona Jane, diante ao problema observado na comunidade, ela prontamente decidiu colaborar de alguma forma, dentro das suas possibilidades, e agir diante ao problema. Essas ações, ainda que pontuais, ao longo desses 28 anos promoveram inúmeras conquistas, materiais e imateriais, a esperança por dias melhores é o incentivo diário, tanto para Dona Jane quanto para a comunidade. Em complemento a fala acima, trago o recorte da conversa ocorrida com a líder da comunidade:

Pesquisadora: Dona Jane, nesses 28 anos de vivência nessa comunidade, o que a senhora acha que mudou (além das melhorias nas condições materiais de vida)? Percebi que agora o morro parece mais tranquilo, comparado ao que era antes, como à senhora vê essa mudança?

Dona Jane: Ah, sim, com o tempo os meninos foram se apegando a mim e viram que eu queria ajudar. Com a casinha consegui mudar a realidade de muitos adolescentes. Antes todo mundo que trabalhava no tráfico era morador da comunidade. Agora tem só tem dois meninos, o resto é de fora. Eles foram arrumar emprego, sabe? Conseguimos arrumar emprego por meio do jovem aprendiz (DONA JANE).

Para Stetsenko (2008), as atividades orientadas pelo aporte do psicólogo social devem ser conduzidas para movimentar o poder da atividade revolucionária prático-crítica, existente dentro de cada um, orientada com base na essência humana singular-individual-particular.

Com base nessa compreensão, nos coloca a discutir sobre a capacidade de agência a partir dos acessos que nós temos no mundo e, nesse sentido, a nossa agência terá os limites que os acessos nos impuseram. Seus estudos nos levam a conceber para além da adaptação ou conformidade com o meio, pois apesar de todos os condicionantes, todos os sujeitos estão a agir no mundo.

Stetsenko (2019) movimenta o discurso de uma agência radical, transformadora a luz da perspectiva materialista reafirmando que o homem é agente no mundo e, por meio do trabalho, modifica a natureza e é, ao mesmo tempo, modificado por ele (MARX, 2008). O homem tornou-se agente no mundo graças ao desenvolvimento da mão e da capacidade de usá-la, que também foi transformada pela ação desse trabalho:

“Graças à cooperação da mão, dos órgãos da linguagem e do cérebro, não só em cada indivíduo, mas também na sociedade, os homens foram aprendendo a executar operações cada vez mais complexas, a propor-se e alcançar objetivos cada vez mais elevados” (ENGELS, 1986, p.11).

Nesse complexo sistema, a nossa mão se fez produto desse trabalho que, coordenadas por nosso cérebro e de forma intencional, oportunizou a construção do homem como ser histórico e social.

Essa ação no mundo ou atividade não deve ser condicionada a partir de sua condição inata, de forma passiva, a ideia de agência vai de encontro à concepção de que o homem apenas ocupa o mundo e, nesse sentido, não estamos apenas a ocupar o mundo, estamos a fazer história e, para isso “[...] os homens devem estar em condições de viver para poder ‘fazer história’. Mas, para viver, é preciso antes de tudo comer, beber, ter habitação, vestir-se e algumas coisas mais” (MARX; ENGELS, 2007, p.39).

A partir dessa compreensão, tendo o trabalho como ‘organizador’ da vida em sociedade, como entender a agência a partir do trabalho assalariado que distancia o homem da essência da transformação da natureza e da consciência desse trabalho? Dessa relação ontológica existente na sociedade capitalista do trabalho alienado, dominante e explorado? Para esse modelo de sociedade o trabalho não é pensado ontologicamente, pois ele se transformou na forma que o trabalhador tem para sobreviver. Compreendemos, portanto, que a classe trabalhadora está estruturada pelo trabalho e, nesse sentido, ele não é apenas uma atividade específica dos sujeitos vivendo em sociedade, mas, sim, o meio pelo qual se fundamenta todo o processo histórico e social (MARX, 1996; ENGELS, 2020).

Nesse sentido, a agência não está ligada apenas a uma atividade revolucionária e ela existe mesmo em condições que nos demonstram maior passividade do indivíduo, ela existe sob o duelo e sob as óticas de: conservar o mundo (burguesia) ou de transformá-lo (classe trabalhadora). Em ambos se tem agência, pois ela é inerente ao ser humano, é uma característica eminentemente humana, em seu processo viver. Todos têm capacidade de agir, de pensar, de mudar, cabe-nos pensar no próximo passo, sobre o tipo de consciência que vamos ter desse papel (se conservador ou transformador) e quais os acessos vamos adquirir que permitam de fato, a ação transformadora no mundo.

O relato de Dona Jane sobre a construção da casinha comunitária (2012) demonstra como ações locais geram impactos materiais e simbólicos: “Conseguimos construir a casinha de alvenaria [...] lá distribuimos sopa, fazemos catequese, cursos e velórios” (Caderno de Registros, 2021). Essas iniciativas reduziram o envolvimento de jovens da comunidade com o tráfico, como destacado em diálogo com a pesquisadora: “Antes, todo mundo que trabalhava no tráfico era morador. Agora, só tem dois meninos”(Dona Jane, registro de campo, 2021).

As conquistas materiais (ex.: acesso à água) e simbólicas (ex.: redução do envolvimento dos meninos da comunidade com o tráfico do tráfico) demonstram que a agência não se limita à adaptação, mas é projeto intencional de futuro (STETSENKO, 2016). Como afirma Marx (2013), “o pior arquiteto difere da melhor abelha por construir o favo em sua mente antes de materializá-lo” – metáfora que se aplica à liderança de Dona Jane, que antecipou mudanças através de ações coletivas.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Esse artigo espera colaborar com a desconstrução da ideia que somos apenas produtos do meio. Não estamos apenas a ocupar este mundo, estamos a agir, a criar, a construir e a reconstruir, estamos a fazer história. Devemos lutar individual e coletivamente contra a opressão das desigualdades sociais, precisamos impedir a reprodução desse modelo de sociedade que explora e exclui famílias trabalhadoras como as que vivem na comunidade Jardim Solemar, é preciso transformar a nossa história.

O estudo buscou evidenciar como a agência transformadora se concretiza em práticas cotidianas de resistência, como mutirões e mediação de conflitos. A dualidade entre soluções informais (ex.: água clandestina) e a demanda por políticas públicas, evidencia tanto a criatividade da resistência quanto os limites estruturais da agência em contextos de abandono institucional. Apontamos como necessário que as Políticas públicas reconheçam líderes comunitários como agentes de mudança; E que esta pesquisa movimente outras sobre interseções entre gênero, raça e liderança em periferias.

A trajetória de Dona Jane afirma a resistência local como ato político capaz de subverter estruturas de opressão, pavimentando caminhos para a emancipação coletiva.

REFERÊNCIAS

ENGELS, F. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem. 1896. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1876/mes/macaco.htm>>. Acesso em: ago. 2021.

LEONTIEV, A. Atividade, consciência e personalidade. Tradução de Michel Aires de Souza. São Paulo: Editora Sundermann, 2004.

MARX, K.; ENGELS, F. A ideologia alemã. São Paulo: Centauro, 2007.

STETSENKO, A. Radical-transformative agency: continuities and contrasts with relational agency and implications for education. *Frontiers in Education*, v. 4, p. 148, 2019. DOI: <<https://doi.org/10.3389/educ.2019.00148>>.

THOMPSON, E. P. A formação da classe operária inglesa II. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

VIGOTSKI, L. S. Imaginação e criatividade na infância. São Paulo: Expressão Popular, 2018.